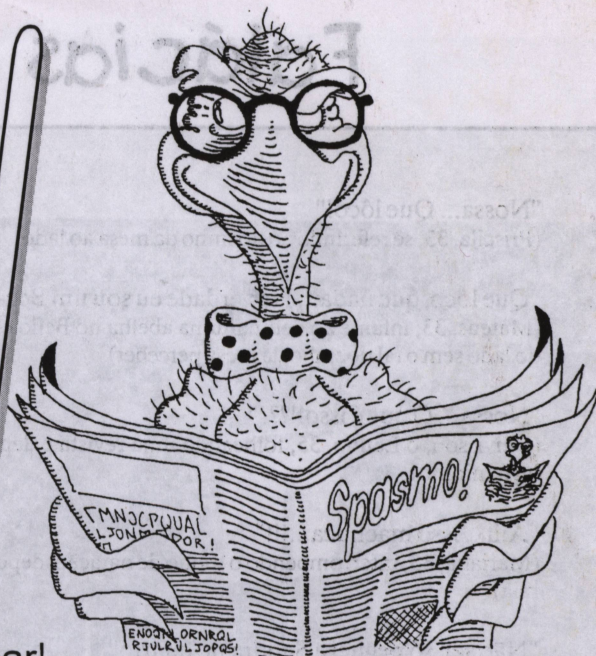


O Patológico apresenta o seu

Spasmo!

porque livre pensar, é só pensar!



"Porque entrou!?... Ronaldo entrou porque entrou, porque entrou!!!
Entrou porque entrou!! Eu digo, O Brasil esteve bem... E isso não é,
essa opinião não é minha, é do técnico da França! Vocês estão
querendo me deixar nervoso?! Não vão deixar, não, PORRA! Porque eu
sou muito macho! Vocês devem muito a mim!!

* * *

E como!!... Sem Penta, o brasileiro ainda comemora... E é neste clima
de "Vocês vão ter que me engolir", que **O Patológico** apresenta seu
Spasmo, edição de Junho/Julho de 98, com toda sua arte e o que tem de
melhor (vejam bem...) da criação de nossos colegas de seara provando
que ser médico é ser artista também, porque "de médico e artista todo
mundo tem um...", ôpa! Na verdade quis dizer que provamos ser loucos
também, porque "de médico e louco...", quer dizer... acho que era por aí...
De qualquer forma, com certeza, *mais vale um Pato(lógico!) na mão, que
dois voando!* E quem fica parado é poste, como diria o Simão!

Deliciem-se com as "Falácias", mais falácias que nunca, com os
poemas e os contos e curtam mais uma vez este **novíssimo** Spasmo,
agora com **fotos tiradas com câmera fotográfica e reveladas**, que
serão parte do nosso querido Jornal desde então...

O esquema é ler O Patológico! E é Mané quem assiste o Fantástico e
fica vendo o Beбето chorar, junto com o Dunga, com o
Tafarel dizendo que o Brasil tem jeito porque aplaudiu os
vice! Vice por vice, o Marco Maciel também é...

"E só falta mais
um, vambora,
vamo lá, vamo lá,
nós vamos chegar
lá!"



AMOR PLATÔNICO

Onde está o belo lirismo

De que tanto falam desse tal amor?

Há anos sofro desse mal

E agora sei: uma ilusão.

("Tão perto, mas tão longe...")

São olhos que me atinam

Sua voz que me envolve

E me faz enlouquecer,

A cada passo ao lado meu.

Seu cheiro, quem me desperta

Prá esse mundo contemplativo.

Seu sorriso, meu viver

Sua indiferença... (Fazer o quê?)

Um toque seu? O fim do meu prazer?!

Chega de dor! Quero meu ópio, agora!

Qualquer droga que me tire,

Nem que seja por segundos

Desse mundo de dilemas.

Quero a cura,

Uma vida!

XXXIII

Falácias de Maio, Junho, Julho...

"Nossa... Que lôco!"

(Priscila, 33, se referindo ao tiozinho da mesa ao lado)

"Que lôco, que nada... Na verdade eu sou um Bee-killer!"

(Mateus, 33, infame ao detonar uma abelha no Bello e ela quicar na mesa do lado sem o tal tiozinho da mesa perceber)

"Nossa... O que é isso!???"

(Deivisson, o Latino, 35, folheando uma revista e deparando-se com um nu feminino)

"Aiii... isso machuca...!!!"

(Mariana, 35, interrompendo o treino de natação, depois de brincar com a raia)

"Não sei, só peguei a Sandra no quarto"

(Marcelo Glick, 33, dizendo ao Eduardo, 33, que a professora Sandra foi sua preceptora somente neste ano)

"- Sabia que o Xande é irmão gêmeo dela?"

"- Gêmeos??? Mas ... univetelinos?"

(Cássio, 32)

"Professor, quem é esse tal Dr. Fortunato!?"

(Clarissa, 33, mais que mala - e agora suicida - perguntando ao Dr. Badan Palhares(!!!) sobre o ilustre docente, para poder responder a avaliação de curso da Med. Legal)

"Guará, você tem que sempre pôr o dedo?"

(Cláudia, 34, comentando sobre os maus hábitos do Guará na sinuca)

"É tudo a mesma lesma lerdã"

(Úrsula, 33, fazendo comentários sobre um funça da Unicamp)

"Ai, que gostoso isso, vai... Estica tudo, estica até a bursa de Fabricius..."

(Priscila, 33, pedindo prá alongar sua... coluna)

"Eu enxuguei uma gostosa ontem!"

(A mesma Priscila, sobre uma efusiva caipirinha que tomou na noite anterior)

"No final fica tão grosso, que eu não consigo nem chupar"

(Livia, 35, sobre sua vitamina de ovomaltine)

"Eu fui falar com o Sr. Zeferino Vaz..."

(Mauro, coordenador do CAAL, em reunião "espírita" numa segunda-feira no CAAL)

"Sai da frente que eu quero ver o Piu-Piu..."

(Messsias, 35, na aula de técnica cirúrgica)

"Ai, meu Deus, eu quero dar numa avenida..."

(Michelle, 35, na Intermed de calouros em RP)

"Aquele vinho é bom para molhar o biscoito..."

(Brunini, 35-36, durante a comemoração dos 35 anos do CAAL)

"Quanto maior a quantidade de cromossomos X, maior o índice de retardo mental"

(Luís Violin, professor de embriologia, em aula sobre anormalidades do aparelho reprodutor)

"Na duvida, dê..."

(Calouro a ser identificado pelo Moe)

Segue a seguir trechos de um texto de Jânio de Freitas intitulado "O defeito que matou Senna" que foi publicado na Folha de S. Paulo em 03/05/94:

"De quem é a culpa na morte de um campeão como Ayrton Senna? (...) A resposta vem fácil: é um defeito no carro, ou um defeito material, concreto, visível. E no entanto, isto é uma cômoda inverdade. (...)

É preciso vencer, porque é preciso encontrar a fama tão desejada, o reconhecimento, a admiração e, como consequência lógica, a fortuna material. Mas nesta busca, vencer não basta: igual ou maior do que o desejo de vencer é a necessidade de derrotar. Creia: os sentimentos de vencer e derrotar são muito diferentes. A procura do primeiro pode ser racional. A do segundo nunca o é. Vem das profundezas mais obscuras, uma força que não se oferece sozinha à compreensão, sequer à percepção. (...)

Vencer a qualquer custo, derrotar a qualquer custo. Neste jogo, o defeito no carro, ou na pista, ou no regulamento, não é mais do que intermediário. É como o revólver e o punhal, inofensivos se não houver quem os faça letais. O defeito que causa os acidentes de corridas, fatais ou não, é outro: é o defeito da mente humana. Próprio dos pilotos? Próprio do ser humano. (...)"

Jânio de Freitas



DR. FRANKSTEIN E O PRAZER DE VOAR

Dr. Frankstein apenas investiga/conserta 'máquinas biológicas'. Aliás pedaços de máquina, cada vez menores. Esconde seu descaso pelas pessoas, e a sua incompetência para lidar com elas, atrás de métodos, técnicas, e principalmente, do status de "médico e cientista".

Lá estava eu ouvindo a discussão de casos em pós-operatório, quando um velho professor, já quase aposentado, em destoante roupa safari, ousou interromper a monótona seqüência de fracassos cirúrgicos com a seguinte observação: "você só fazem estas cirurgias de indicação cada vez mais duvidosa na literatura, e resultados desastrosos, porque vocês não têm nenhum compromisso com os pacientes. Eu, se fizesse uma destas lá na minha cidade, no dia seguinte minha incompetência seria notícia. Não me restaria um paciente no consultório." Neste instante a música pára. Residentes sonolentos e indiferentes acordam. Professores cheios de soberba, vivem instantes de pânico e engasgamento. Engasga um, engasga outro. Os internos ficam em êxtase diante da milagrosa surpresa de um fato inteligente interrompendo aquela monótona barbárie. Então um dos professores mais napoleônicos (inclusive na estatura) define a situação e explica para nós, aprendizes de feiticeiros, quem é Dr. Frankstein: "acontece que estamos pesquisando (...) Afinal você só anda de avião com relativa segurança porque muitos pilotos de teste morreram para aperfeiçoar as máquinas".

Exceto por uma certa ignorância em relação a história da aviação, que não comprometeu de forma alguma a forçada metáfora, foi uma explicação muito elucidativa. O velho professor, sem imaginar talvez a "aula" que proporcionou, calou-se. Os desavisados cidadãos que eventualmente caem por ali, na maioria por falta de opção, mas também alguns, por acreditar na "competência" da Unicamp, continuaram sem desconfiar que são **cobaia**s, e que melhor lhes sairia terem ficado em casa. Bem ao contrário dos pilotos de avião, que não somente faziam uma opção consciente de todos os riscos, como também desfrutavam, mesmo que por efêmeros instantes, do prazer de voar.

Gustavo Tenório Cunha R-2 Preventiva



AMOR

Era uma vez uma ilha onde moravam vários sentimentos: a Alegria, a Tristeza, a Vaidade, a Sabedoria, o Amor, e outros.

Um dia avisaram aos moradores dessa ilha que ela ia ser inundada. Apavorado, o Amor mandou que todos os sentimentos se salvassem. Ele então falou: fujam todos que a ilha vai ser inundada.

Todos correram e pegaram seu barquinho para irem ao morro mais alto. Só o Amor não se apressou, pois queria ficar um pouco mais na ilha.

Quando já estava se afogando, correu para pedir ajuda. Estava passando a Riqueza e lhe disse: "Riqueza leve-me com você". Ela respondeu: "Não posso, meu barco está cheio de ouro e prata e você não vai caber".

Passou a Vaidade e ele pediu: "Oh vaidade, leve-me com você". Ela respondeu: "Não posso, você vai sujar meu barco".

Logo atrás vinha a tristeza. "Tristeza, posso ir com você?". Ela retrucou: "Ah amor, estou tão triste que prefiro ir sozinho".

Passou a alegria, mas estava tão alegre que nem ouviu o Amor chamando por ela. Já desesperado, achando que ia ficar só, o Amor começou a chorar. Então passou um barquinho onde estava um velhinho e

ele falou: "Sobe Amor que eu te levo". O Amor ficou radiante de felicidade que até esqueceu de perguntar o nome do velhinho.

Chegando no morro onde estavam todos os sentimentos ele perguntou a Sabedoria: "Sabedoria, quem era o velhinho que me trouxe aqui?", ela respondeu: "O Tempo". O Amor voltou a perguntar: "O Tempo?"

Mas por que só o Tempo me trouxe aqui?" A Sabedoria então respondeu: "Porque só o Tempo é capaz de ajudar a entender um grande Amor".

Fernanda May

E é isso o que é fazer parte da Faculdade de Medicina, comemorar junto com todos o que é prá ser comemorado. E mais do que comemorável foi a Festa de 35 anos do nosso amado CAAL. O ShowMed, incrível, com a participação de professores amigos e queridos abrilhantando as apresentações, curtindo o show da galera e os micos, jogando conversa fora também, com um Palicari lotado de gente (mais de 800 pessoas) e eles - do Palicari - dando pulos da própria altura, porque não se bota tanta gente lá dentro como a gente "Med"! O Churrasco, a Choppada, enfim... as festas em geral, qualquer que seja o motivo - e a festa já é o motivo por si só! Por essa razão e outra qualquer, fica aqui, através destas fotos espalhadas no nosso Spasmol, uma pequena lembrança do que é festar e com nossa boa Med! Parabéns prá nós; a gente é **U. Q. A.!**



CARTA A MARCELA

(...) e também queria te falar um pouco de um amigo nosso de longa data. Certa vez ele me falou de uma lembrança sua, de quando assistia ao Top 10 MTV, babando pela Sabrina. "Sabrina, Ah! Sabrina!" Mas ele tinha que estudar, então pegou o controle remoto e mudou o canal quando começou o clipe, já que não era nem um pouquinho fã dos pentelinhos do Hanson. Abriu o livro, São Bernardo, e recomeçou a leitura. "... e três visitantes: João Nogueira, uma senhora de preto, alta, velha, magra, outra senhora moça, loura e bonita." De repente, uma voz suave o fez tirar seus olhos do livro: era um sotaque gaúcho delicioso, um rosto magnífico, olhos sedutores, alegres, um sorriso sublime, uma graciosidade única e soberana. Laura Wie. Meu Deus! A perfeição! Que perfeição! Desse momento em diante, nosso amigo me confidenciou, decidira que faria de tudo para ter em seus braços uma Laura Wie.

E realmente a partir desse dia tornou-se outra pessoa, cada vez mais empenhado na sua busca pela perfeição. Imaginava que sendo e tendo tudo que fosse possível, teria também as mulheres que quisesse. Era um aluno exemplar, cheio de notas e saberes, uma pessoa muito limpa e bem cuidada, um primor. As pessoas viam nele alguém que se podia admirar, invejar ou simplesmente conhecer, mas, ao espelho, tudo eram defeitos aqui e acolá. Em pouco tempo sagrou-se campeão pelo time da escola, num campeonato estadual de handball. Foi mais ou menos aí que o conhecemos e nos tornamos amigos, se lembra? Mais tarde ele me diria desse episódio da Laura Wie, que se passara vários meses antes do começo de nossa amizade.

Bom, mas voltando à época do campeonato de handball, foi aí que

começaram a surgir as mulheres, dos mais diversos tipos e dotes. Surgiram as mulheres e as noites, e noites com várias mulheres, mulheres de várias raças, cores, crenças, filosofias. Nesse ponto de sua vida, nosso amigo se julgava feliz. Até que encucou com a possibilidade de não ter o que desejou no começo de sua jornada: Laura Wie. Ele começou então a imaginar que poderia ser tudo que quisesse, mas não era isso que ele queria, e esse tormento persistiu até que ele passou a ignorar o problema. A esqueceu. E a forma mais fácil geralmente era pensando em outras coisas, fazendo outras coisas. Geralmente fazia isso bêbado ou chapado. Chapar era bom: esquecer de tudo e virar um retardado. Aí, ele encontrou a paixão de sua vida. Poder absoluto, um múltiplo orgasmo múltiplo. Mas, sóbrio, ainda pensava em Laura. E machucava. E nossa amizade parecia apenas aumentar nesses meses todos. Incrível, mas vocês eram tão íntimos. Como isso se perdeu?

Mas, nesse tempo, morreram duas pessoas muito próximas dele e de nós, como você pode confirmar: Madalena e João Roberto. Estranhamente, foi como se ele estivesse morrendo junto. E, para seu bem, foi nisso que nosso amigo se baseou para mudar, para aprender a se conter, acho que na verdade ele perdeu aquele desejo pelas coisas que amava. Uns dizem que passou a regular melhor da cabeça, outros que ele pirou de vez. Continuava a buscar prazeres imediatos, isso é bem verdade, mas isso tinha outros ares para ele, e dava pra ver isso em seus olhos. Lembro-me de ouvir ele dizer que não era mais um cão, e lembro também de todas as suas abstrações, por mais loucas que fossem. Uma delas, muito divertida, falava de trabalho.

O trabalho, segundo ele, era uma grande hipocrisia da sociedade. Dizia que as pessoas normais trabalham para ter direito a seus prazeres, mas que outras pessoas, não corrompidas, buscavam diretamente o prazer, sendo (as últimas) vítimas da inveja alheia, e por isso a sociedade repudia o bêbado, o drogado, o vagabundo. Dizia que a sociedade renegava seus párias por inveja. Dava ainda o exemplo daqueles pedintes que sabemos que vão comprar pinga com o trocado que dermos, e nosso amigo dizia que negamos um trocado simplesmente por inveja, vaidade, a velha lógica do "se eu não posso, por que ele pode?"

E extrapolava o assunto, dizendo que a sua teoria do trabalho era muito mais evidente em relações entre pais e filhos, nas quais o pai corrompe o filho com seus valores absurdos, impondo a ele o dogma de que o trabalho é necessário. Nosso amigo apontava os "erros de muitos" e dizia que quando as pessoas entendessem que não é o trabalho que move o mundo, e sim o prazer, aí então a humanidade estaria pronta para ganhar o universo. Ou ganhar o mundo. Estranho, não: "o mundo ganhar o mundo..."

Pessoalmente, concordo com o que diz nosso amigo. Mais ainda, vejo os versos "tudo vale a pena se a alma não é pequena" e me pergunto se são frases de descobertas, da impetuosidade do espírito humano ou se são apenas frases da nossa incansável busca do prazer. Toda forma de prazer, não?

De seu amigo,
O louco.

Romeu(34)

... Mais Falácias!!!

"Quando ocorre fratura de face, pode ocorrer fratura do osso maxilar da maxila..."
(Dr. Marco Antonio da Plástica, durante aula)

"Paciente que chega ao PS com fratura de face precisa de cuidados médicos. Não adianta chamar o cirurgião plástico ... o paciente precisa de médico."
(Dr. Marco Antonio da Plástica, durante a mesma aula)

"Quando existe alteração da clivagem do prosencéfalo, a pessoa nasce com um só nariz..."
(Dra. Walleriana durante aula da Neuro)

"Ai, gente! Coitado do meu pênis!"
(Dra. Nilva, durante aula de Anatomia dos genitais femininos)

"Não existe pinto em anzol!"
(Idem)

"Pensei que o Mauro era virgem"
(Fábio, 33, se referindo ao horóscopo do Mauro, 33)

"Ah! O Mata? O Mata nunca falha!"
(Mauro, 33, sobre o fato de o Fábio Matavelli, 33, não abandonar suas responsabilidades)

"Não, não! Não recua a bola agora, enfia!"
(Clarissa Mala torcendo no jogo Argentina x Inglaterra)

"O ruim é que eles ficam de sacanagem, só entrando por trás"(Idem)

"Eu não sei prá quem que eu vou dar"
(Dr. Benito, falando do xerox de neuro)

"Tira a mão do meu canudo..."
(Brunini, 35-36, tentando defender sua Fanta da sede da caloura Annelise, 36)

"Eu não quero por a mão, quero por a boca..."
(Caloura Annelise, 36, tentando argumentar contra a recusa do Brunini em ceder a Fanta)

"... porque o cisticerco não tem muita imaginação"
(Prof. de neuro falando sobre a "escolha" dos locais de fixação do cisticerco no organismo)

"Porque o paciente não lembra todo o elenco de gestos que ele tem que fazer..."
(Dra. Beth Quagliato, da neuro, explicando a apraxia na Doença de Huntington)

"Porque a perda dessa bainha de mielina resulta em lentificação do impulso"
(Dr. Benito!!!)

"... Alguns tão bons naqueles testículos soltos"
(Christiane, 33, dizendo que era melhor estudar alguns tópicos de neuro em pequenos textos avulsos)

"O feto é inteligente ... Às vezes ele até ajuda (no parto)! Na maioria ele atrapalha, mas às vezes até ajuda ..."
(Dr. Gama, da Gineco, em suas fantásticas explanações sobre a fisiologia do parto)

"Tinha pouca gente prá caramba!"
(Deivisson em reunião do CAAL)

Pensem que isso é o início de um jogo de RPG.

Estás cansado do mundo profissional ao seu redor? Rotinas e constrangimentos institucionais lhe sufocam? A mesquinhez das relações roubam seu ânimo?

Sê bem-vindo ao mundo invisível da cultura e das dimensões simbólicas que povoam a busca da saúde. Aqui, cada personagem é revestido de sentidos e irradia mensagens para além do domínio dos grandes poderes. A beleza dos misteriosos significados de cada ato e das surpreendentes repercussões e interações podem transformar seu trabalho em jogo, em que o tabuleiro não é mais o serviço de saúde, mas a SOCIEDADE CIVIL. Nesse jogo, a burocracia, os mandões e a carência de recursos são cruéis personagens que, no entanto, não conseguem segurar com as suas mãos a fluidez das palavras, idéias e solidariedades.

Vista-se com os óculos da antropologia e o estetoscópio da psicanálise, arme-se com o método da educação popular; ALIE-SE AOS MOVIMENTOS SOCIAIS; abasteça-se de fé nos homens (inclusive os miseráveis) e em sua vocação de ser mais. Mas antes de tudo, tome a poção mágica da interiorização e mergulhe no lago encantado da CONVIVÊNCIA AFETUOSA com alguns grupos populares.

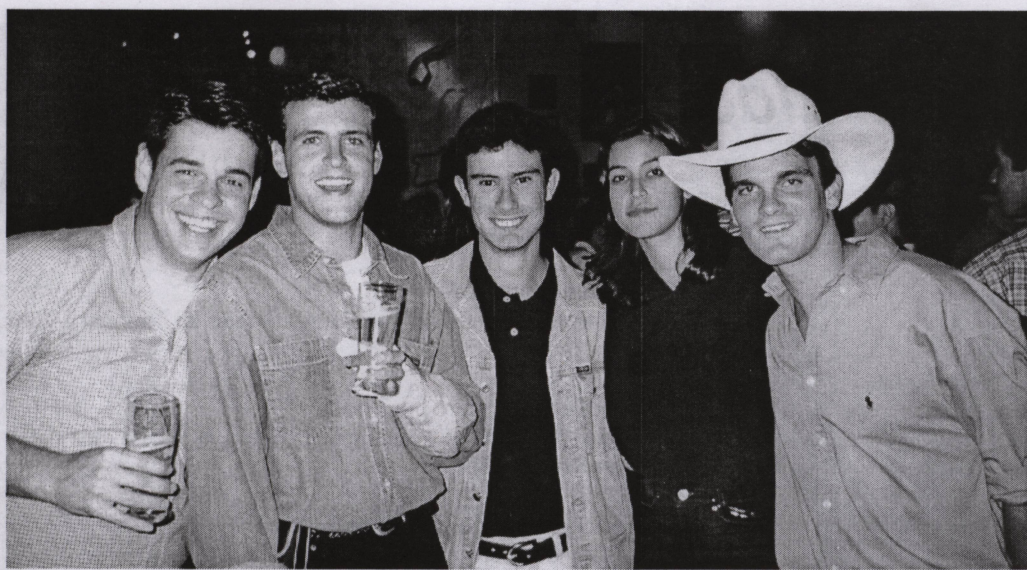
O jogo já começou e vai dar um novo brilho à sua vida

Eymard M. Vasconcelos



Será que estamos fazendo de acordo com esse cabeçalho de RPG? Será que esse é caminho certo? Ou será que nosso movimento deverá se feito da forma como está se fazendo?

Marcelo Campos



1942, EM PLENO INVERNO NA POLÔNIA

A locomotiva apitava, já entrando em movimento. Uma nuvem de fumaça cobria quase toda a velha estação. O homem só iria embarcar por volta das onze horas, sabia do perigo que o cercava. Talvez a vida sob o jugo da SS o tenha deixado preparado para suportar uma noite como aquela.

Embora mais amena do que nas noites anteriores, ainda assim a temperatura era mortífera. Era uma noite chuvosa; o ar, ainda que escasso, carregava um bafo de cheiro de restaurante. O homem olhou através dos vidros embaçados, não conseguia enxergar as pessoas dentro do bar. Apenas sombras e vozes. A respiração congelava-lhe os pulmões; o único desejo naquele momento era um pouco de conhaque para aquecer o corpo, ou até acalmar a alma. Somente um pouco de conhaque! Porém, não deveria entrar; poderia comprometer tudo. Ficou brigando com o frio e o medo por mais alguns minutos ali fora; mas as gotas gélidas da chuva o obrigaram a tomar aquela decisão. Abriu a porta envidraçada do bar da estação e entrou.

Uma névoa o envolvia enquanto desabotoava seu sobretudo úmido. Forçou os músculos da face, endurecidos pelo frio, na tentativa de melhorar sua visão. Confundia os vultos densos se movimentando à sua volta com sombras de um inconsciente devaneio. Sentia-se sem fôlego. Teve a sensação de que o bar girava; sacudiu a cabeça à procura de lucidez. As vozes pareciam chegar-lhe cruzadas, misturadas como um emaranhado de fios. Ainda em meio a todo estranhamento, olhou rapidamente ao seu redor e escolheu com segurança um lugar ao fundo do bar.

Analísava, mesa à mesa, os homens conversando palavras toscas, dispersas nas fumaças de cigarro e nas nuvens de vapor. Esquecia-se do conhaque. Estava agora demasiado envolvido em sua inquietação para se deixar abater pelo frio. Lábios trêmulos, mãos aflitas. Procurava um rosto suspeito que o ameaçasse. Um oficial que o descobrisse. O fervor alucinante do seu assombro aquecia o corpo. Escoava por ele uma sensação de pavor; ânsia difusa, espalhada pela alma, como fogo aos vícios de uma ventania. O medo serpenteava seu corpo tão rápido como um veneno. Não podia mais conter o desespero. Não tinha mais consciência de ação, de espaço ou de tempo.

Eram já onze horas. Ao longe, ouvia-se um apito de trem. O bar esvaziou-se aos poucos, até restar um silêncio fúnebre entre as mesas e os copos. O homem levantou-se, consciente e decidido. Caminhou calmamente em direção à porta envidraçada do bar, abriu-a e saiu. O ar permanecia escasso e gelado. Levou as mãos aos bolsos, como quem tenta aquecê-las. Tirou-as rapidamente de punhos fechados. A locomotiva apitava, já em movimento. A mão direita abriu-se, deixando escorregar pelos dedos um rolo de filme fotográfico. A cópia dos planos de ataque a Stalingrado juntava-se à neve esquecida da estação. A mão esquerda levou de volta ao peito a velha e desgastada suástica, símbolo de toda sua fidelidade e dedicação ao Reich. Era uma noite chuvosa, em pleno inverno na Polônia.

MARCELO CARLOS PEREIRA - XXXVI

PERDA

"A que perdi está tão dentro dos meus pensamentos
Que quando me lembro de mim, me lembro dela
A que perdi está tão dentro dos meus olhos
Que até a mais triste das visões me lembram ela
E tão dentro do que ouço
Que vivo me ouvindo repetir que amo ela
E o cheiro do perfume que ela não passa
Depois de uma noite ou depois do dia
Invade o perfume da minha vida sem graça
A que perdi está tão ligada em minha pele
Que é bom lembrar de seu corpo sobre o meu
E minhas mãos, macias, se perdendo no que é seu
E seu beijo quente
Num dia frio
Logo me deixa
Arrepiado de arrepio
A que perdi está tão ligada a mim
Que mesmo sem a ter
E estando sem sorte
Não consigo desejar o seu fim
E ainda quando penso em sua morte
Pra não pensar em morrer de mim
Lembro que de onde desejo escorre
Não adianta querer decretar o fim".

MAURO (XXXIII)



Um Pouco de Filosofia

"É verdade Hobbes, a ignorância é alegria. Uma vez que sabe das coisas, você enxerga problemas em todos os lugares... E uma vez que se vê problemas, você sente que deve consertá-las... E consertar problemas sempre requer mudança pessoal... E mudanças significa fazer coisas que não são divertidas! Eu digo Blá a tudo isso! Mas, se você for estúpido condescente, você não sabe melhor, então pode continuar fazendo o que quiser! O segredo da felicidade é a estupidez de auto interesse a curto prazo"

trecho de "Calvin and Hobbes" de Bill Waterson

Da Intuição

Como poderíamos definir intuição?

Penso que é aquela sensibilidade maldita (no sentido de que quando a possuímos, muitas vezes nada podemos fazer a respeito dela) que algumas pessoas têm, de perceber a potencialidade das coisas, sejam quais forem os seus fins. Não convém agora entrar no aspecto moral desse tipo de percepção, ou seja, se o conteúdo que carregam em si, possa ser classificado dentro de aspectos antitéticos, como "bem" e "mal". O que me interessa é discutir como essa potencialidade pode ser representada, desenvolvida, e o perfil da personalidade intuitiva.

Para constataremos o significado de potencialidade, vou me utilizar de explicações encontradas na dialética hegeliana, dos conceitos "ser em si", e mais adiante, "ser por si" quando discorrer a respeito de seu desenvolvimento.

Se tomarmos "ser em si" como é realmente escrito, já podemos sentir ecos de potencialidade, de aptidão, de querer vir a ser; isso devido a estrutura da própria língua portuguesa, que permite ao termo se explicar de forma eficiente, tal como na língua alemã. Mas, nada mais consistente que a idéia de "semente". A semente é simples, quase um ponto. Até por meio do microscópio descobre-se pouca coisa nela (do produto final, a árvore). Mas este simples contém todas as qualidades da árvore. No germe está contida toda a árvore, seu tronco, seus ramos, suas folhas, suas cores, o cheiro, o sabor etc. Entretanto, este simples, a semente, não é a árvore. Esta diversidade ainda não existe. É essencial saber isto: que algo que contém uma diversidade em si, mas que ainda não existe por si. O desenvolvimento dessa "semente" é uma outra questão.

"Ser por si" é evoluir, desenvolver-se. E só se evolui a partir de si e por si mesmo, ou seja, o ponto de partida é a "semente", a potencialidade; e o trabalho gerado por essa potencialidade é a evolução. Pode-se dizer que esse trabalho, para ser evolução, deve ser próprio e inerente ao indivíduo. O que eu quero dizer é que, algo só trilha o caminho do desenvolvimento enquanto o objetivo é o si mesmo, e sem a interferência de nenhum fator externo a esse processo. A grosso modo,

poderia-se dizer, que desenvolver-se é uma "vontade própria", e não uma imposição.

Agora que sabemos como a potencialidade é representada e como se desenvolve, me resta dizer como ela é percebida, que é o objetivo principal desse texto. Devemos então, observar o aspecto humano que permite a percepção da "semente": a intuição.

Pode parecer redundância, mas a intuição está ligada intimamente ao pensar e ao saber pensar, e não a visões místicas e fantásticas, como tem sido concebida por tantos anos. No próprio dicionário Aurélio, ele se refere a intuição como uma previsão através de uma visão religiosa ou extra-sensorial.

Sem querer questionar o autor do dicionário, ou o conceito geral, não seria mais sensato buscar uma interpretação mais palpável e lógica para a intuição?

O uso de dizer que a intuição pode ser "desenvolvida" (entre aspas porque não é minha intenção fazer referências ao kardecismo) e que não é uma determinação de nascimento, como se diz comumente por aí. A personalidade intuitiva possui uma série de características que viabilizam a intuição. É claro, e importante de se frisar, que tais características são percebidas e interpretadas dentro de uma óptica junguiana. Tal óptica leva em conta a existência do inconsciente individual e do inconsciente coletivo (cuja complexidade não convém ser discutida aqui), além é claro, do funcionamento simbólico da psiquê humana.

A intuição está estreitamente ligada ao contexto social em que se vive e a quantidade e qualidade de informações verdadeiras que é possível se extrair do meio. De acordo com Jung, a consciência está submetida ao inconsciente individual, que é o verdadeiro responsável pelo processo intuitivo, e acima de tudo, o "mestre" dos processos conscientes. As informações externas são interiorizadas de uma forma simbólica para que o inconsciente possa trabalhar. Essa transformação tira do conteúdo interiorizado, todo o significado que poderia ser compreendido pela consciência, e é devolvido a ela da mesma forma. E aí é que se encontra o grande problema. O não conhecimento do funcionamento inconsciente da personalidade gera interpretações errôneas a

respeito dos conteúdos exteriorizados pelo inconsciente. Dessa forma, fica fácil perceber porque são atribuídas origens fantásticas aos processos intuitivos. A saber, os sonhos tem papel fundamental nesse processo de exteriorização.

O pensamento, enquanto objeto de assimilação pré-inconsciente, tem papel fundamental na resposta que emerge. Ele deve ser antes de qualquer coisa, um "Pensamento Livre". O que eu quero dizer é que não pode haver limitações do ato de pensar. Devem-se cavar respostas onde elas estiverem, e desde que sejam verdadeiras devem ser interiorizadas como realmente são, sem a adição de qualquer tipo de artifício. Tudo isso, para se obter um processo intuitivo puro.

Logo, além da necessidade de se conhecer os conteúdos objetivos das inúmeras informações que devemos buscar no ambiente, é necessário conhecer os processos subjetivos pelos quais elas são trabalhadas pela psiquê. E isso também é função do pensamento.

Simplificando, pode-se dizer que a intuição nasce e se desenvolve na medida em que se armazena mais conhecimentos da realidade em que se está inserido, e um profundo conhecimento dos processos internos de funcionamento da psiquê. A quantidade de conhecimento armazenada dá ao inconsciente meios para interpretar os acontecimentos externos de determinado "momento histórico pessoal" em que a psiquê está enquadrada, além de fornecer um material de melhor qualidade para exteriorizar e melhorar a compreensão consciente de tal interpretação, ou seja, a intuição.

Marcelo Brunini

SEM TÍTULO

Imagine-se só, em seu quarto, em pleno sábado à noite, escrevendo em um pedaço de papel as coisas que você julgava serem as mais fúteis e inóspitas no que se referia ao seu modo de vida. Eis, pois, o que faço agora, e confesso estar me sentindo muito bem em fazê-lo.

Não que eu tenha tido um surto de flashback dos anos 60, não que eu seja um hippie frustrado; nem ao menos entupi meus ouvidos com a sonoridade de Bob Marley. O que me aconteceu foi mais simples que isso.

Você se sente realmente feliz? Pois é, eu me sentia muito. Só que eu resolvi trocar minha felicidade por um sonho, como sei de muitas pessoas que o fazem também. Acontece que eu não tinha a mínima noção do tanto que era importante o mundo que me envolvia: os amigos, a família, a casa, a sensação de fazer diferença. Eu não sabia que iria sentir tanta falta de jogar um futebol com meus companheiros, de rir um pouco na mesa de um bar, de conversar inutilidades com minha família, de importar-me realmente com a felicidade dos outros.

Enfim, eu ignorava que era dependente de tudo o que eu tinha ao meu lado. E é por isso que estou escrevendo, pois há pouco tempo percebi que viver não se resume a ir a festas, ver um filme, ler um livro e assistir ao sol nascer. Viver é mais que isso!

Viver é se preocupar com a felicidade dos outros, é acordar e sentir que fez sua parte para que haja um mundo melhor, é parar de abster-se de coisas más que, inacreditavelmente, só as outras pessoas concretizam. E no nosso caso, especificamente, que somos (futuros) médicos, é parar de nos julgarmos semideuses e perceber que não passamos de homens e mulheres dependentes dos que nos cercam, e que para nos sentirmos vivos devemos ter a certeza de que fizemos tudo o possível para amenizar um pouco da dor do mundo.

SÉRGIO - XXXVI

